



Outros blues e serpentinas. O retrato das margens e um pouco de Lima Trindade só faz bem.

Paulo César García¹

<https://orcid.org/0000-0001-7208-6358>

Lima Trindade nasceu em Brasília, mas adotou a Bahia para habitar e regar a vida, destravando ainda mais a formação cultural disseminada pela escrita literária. Autor de obras como *Supermercado da solidão* (2005), *Todo o sol mais o Espírito Santo* (2005), *Corações, blues e serpentinas* (2007), *O retrato: ou um pouco de Henry James não faz mal a ninguém* (2014), *Aceitaria tudo* (2015) e o mais recente romance *As margens do paraíso* (2019), o estilo inconfundível de Lima Trindade é ativamente perceptível, ao apresentar personagens que procuram o fio com o qual mostra o percurso de saídas noveladas por tramas e complexas redes de existências humanas com as quais se envolvem. Entre as sexualidades diversas e as identidades de gênero que são representadas em sua literatura, existe um grau de percepção que, através do nível ocular, se propõe a refletir as subjetividades fluídas. Muitas delas são enunciadas na desordem do real e deslocadas do nível de normatividades e regularidades que assolam os modos de vida de personagens. A artimanha dos relatos narrativos do autor beira ao estado de tensão com o que se lê/vê o outro para além das diferenças, quer dizer, existem traços e gestos de personagens masculinos que tornam possíveis refazer os gêneros, quando critica o peso do corpo e os focalizam quando desassemelham os lugares de discursos regularizados e

¹É Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia | UNEB com atuação no curso de Licenciatura em Letras Vernáculas e no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Está associado ao Grupo de Pesquisa Enlace | UNEB e no Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades – NuCuS | UFBA, além de ser associado colaborador do Grupo de Pesquisa Intersexualidades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa - Faculdade de Letras | Universidade do Porto – Portugal e do GT Homocultura e Linguagens da ANPOLL.
E-mail: pgarcia@uneb.br

disciplinados.

O meu encontro com Lima Trindade se deu com o lançamento do livro *Corações, blues e serpentinhas*. Uma coletânea de contos nitidamente expressiva, pulsante e que toca fundo os problemas que visam a desconstruir as relações familiares, relações afetivas, desejos e corpos que agenciam existências mais plurais e menos ordinárias. Sem desconsiderar as demais obras, a produção do livro *Corações* decanta as múltiplas travessias, permitindo realizar modos de existir. Creio que daí seguem os passos para as construções ficcionais de Lima Trindade. É por onde os relatos narrativos resgatam memórias, experiências e testemunhos de sujeitos que se destacam e operam a racionalidade com a sensibilidade de poder revelar, se revelar, nos revelar. Entre a enunciação de desejos e sentimentos atravessados na garganta, a postura de mostrar o quanto a literatura se torna possível quando gesticula falas de sujeitos desmarcados com as posturas singulares com os constructos de gênero, sexualidades, sexo e à margem de estados repelidos por uma carga de movimentos que não param de contaminar a liberdade do indivíduo. Isso é muito bem amparado nas obras de Lima, pois as tramas recompõem o estado do estilo sóbrio, porém intenso e perturbador.

A partir da entrevista com o autor, deixemos ele autenticar o mergulho com as palavras e apontar a tarefa de exercitá-las. Por sua vez, cumpre pensar o momento em que a arte, a cultura, a literatura vivencia o poder de concorrer ou mesmo de saber disseminar o seu campo de atuação frente às ondas de redes sociais e demais textualidades digitais que, atualmente, são pares e devem conviver com uma elevada qualidade e potencialidade para a cultura e as artes.

ENTREVISTA COM LIMA TRINDADE

Pergunta (P): A prosa como a poesia e a dramaturgia revelam a linguagem de calcificação para dizer do outro lado da existência. Por onde as suas obras preenchem esse campo de atuação, melhor, que possibilidades de formas de existências são criadas em sua escrita literária?

Lima Trindade (LT): Pensando nas personagens que criei, tanto nos contos quanto nas narrativas um pouco mais longas, predomina um impulso libertário nas protagonistas das narrativas, são personas que em determinada medida exprimem uma recusa a aceitar as coisas como elas nos são dadas, a agir dentro de um padrão conformado/conformista, a entender a vida por um viés puramente prático, utilitarista ou materialista. Vemos isso em *O supermercado da solidão*, por exemplo. Bernardo traz o estigma de uma doença consigo, ganha um milhão de reais numa ação trabalhista e, certo da crescente desintegração da qualidade das relações sociais ao seu redor, da estupidificação dos indivíduos e do massacre promovido pelos agentes financeiros em todas as instâncias do desejo e das vontades, decide não mais consumir, ainda que isso implique na potencialização e antecipação do momento de sua morte. Para ele, trata-se puramente de uma questão ética: o que é verdadeiramente bom para mim? E realiza sua escolha. Já na questão

da linguagem, digamos que eu promova uma mistura de Kafka com música pop. Bernardo é uma espécie de dândi contemporâneo apaixonado pela banda inglesa The Cure. A diferença de seu dandismo para o de um Wilde, Baudelaire e João do Rio talvez esteja não tanto na apresentação de sua aparência, mas no escândalo subversivo de sua existência, buscando o anonimato quando todos desejam a celebridade e a fama.

Há, ainda, no plano criativo, uma imersão inevitável no que comumente se chama de “espírito de época”, pois não me furto a pensar o meu tempo, as questões do meu tempo, o lugar que ocupo em minha aldeia global, as diversas reconfigurações da vida sob novas perspectivas estéticas, políticas, geográficas, sociais e filosóficas. O que não implica em aceitação e adaptação à realidade imediata. A negação crítica é uma motriz igualmente poderosa. Ficar indiferente às essas demandas e expressões resultaria no mais solene exercício de repetição, no silenciamento da poesia.

P: Por que escreve? O que te afeta enquanto escreve?

LT: Isso é difícil de dizer. Talvez escreva pelo fato de não saber desenhar como gostaria. Quando criança, sonhava ser desenhista de histórias em quadrinhos. Ficava admirado com determinados artistas e suas capacidades de recriar e reinterpretar o mundo. Achava mágico que em poucas linhas fizessem surgir na folha em branco um bicho, uma cadeira ou uma pessoa. E o mais incrível: não serem representações realistas. Era como se, por meio do desenho, chegassem ao âmago da coisa ou do ser retratado, como se representassem apenas o essencial, o que realmente deveria importar para a nossa compreensão do representado. Talvez eu tente suplementar com a escrita esse vazio da minha incapacidade de desenhar. Talvez eu desenhe com as palavras que escrevo.

Tudo me afeta. A escrita, assim como a leitura, me transforma num outro, uma mistura do que sou e do que posso vir a ser. Ao pisar o terreno da imaginação e abrir as portas do meu inconsciente, lido tanto com o desconhecido quanto com o que é real e ao mesmo tempo oculto de mim. Há a memória, os desejos confessos e inconfessos, o gozo, a dor, a morte. Não considero possível a existência de uma arte com valor real de emoção e convencimento se o artista não se permite uma entrega sem freios. Dessa forma, não dá para sair do processo criativo incólume.

P:

“Ele respirava silêncio. Não queria entrar. Entrou. A nave acolhedora como o estômago de uma baleia. Tudo morto, repousando. O sol já morrera fazia tempo e seu corpo agora repousava nervoso sobre o banco escuro da madeira. Queria paz, a mente aquietar-se um pouco, quem sabe breves minutos. Viu a fresta que se abria entre as pesadas portas. Não queria entrar. Entrou. Feriu e depois acomodou a vista com o vazio e a luz que atravessava os vitrais” (*Corações, blues, serpentinhas*, 2007, p. 95).

Cito a passagem do conto “Anjinho barroco”, da coletânea *Corações, blues, serpentinas*, e pergunto: o que te move ao expressar as questões relacionadas com identidades de gênero, de sexo e das sexualidades?

LT: Uma preocupação com o humano, a conexão com o que há de mais íntimo e expressivo na natureza dos seres para além do tempo e do espaço, para além das representações identitárias, para além de qualquer aprisionamento: suas emoções. Não a emoção barata e superficial, produto de tudo o que é previsível e embalado por uma fórmula gasta. O que me estimula a trabalhar essas questões é revolver as camadas de conceitos e preconceitos e revelar o que, mesmo dentro de cada singularidade, é comum a todos: o desejo de amar e ser amado. E mais: amar e ser amado da *sua* maneira, dentro do seu código próprio de linguagem, dentro de sua própria lei. Trata-se de um direito que deveria ser primário e inalienável. Sendo a afetividade e o erotismo traços tão norteadores da construção do sujeito, orientando implícita ou explicitamente as relações sociais e com o poder instituído, há aí um rico manancial a ser explorado pelas artes como um todo.

P: Muitas obras da literatura baiana de geração atual de escritores vêm tratando sobre questões de gênero e de sexualidades? Você se coloca nesse patamar e com qual postura busca retratar tramas a respeito?

LT: Não saberia dizer se são muitos ou poucos. Desconfio que a questão de gênero venha sendo priorizada por causa do movimento Mulherio das Letras, mas, ao mesmo tempo, não sei dizer se essas publicações contemplam o tema de uma maneira frontal, se fazem do gênero uma questão literária, vamos dizer assim. Já no que diz respeito às sexualidades, de memória, elencaria três nomes que acho representativos: Marcus Vinícius Rodrigues, Alex Simões e Álex Leilla. Recordo também do Jean Wyllys, que antes de se tornar celebridade com o Big Brother publicou um livro de contos interessante, e do Suênio Campos de Lucena. Dos novos, o que me chamou atenção foi o poeta Tiago Correia.

Sim, embora minha obra não se limite a um único enfoque, estou no patamar dos autores que se sensibilizam com as questões de gênero e de sexualidades a ponto de problematizá-las em minha escrita. Quando trabalho essas narrativas, posso ter como ponto de saída uma sensação de desconforto por causa de um comentário homofóbico de um político no telejornal ou a notícia do assassinato de um LGBTT, a alegria de conhecer uma família homoafetiva bem estruturada ou mesmo uma situação resgatada da memória de criança. Contudo, durante o processo da escrita, as tramas acabam se desenvolvendo com naturalidade, as personagens se definindo por elas mesmas e me levando a viver situações e conflitos não previstos. Se eu pré-determinasse os enredos e tramas isso enrijeceria o texto e o tornaria mais pobre, menos verossímil. Personagens LGBTs devem ser tão complexos quanto são as personagens heterossexuais. A única postura que adoto é a de evitar os lugares comuns e chavões em torno dos conceitos e assuntos tratados.

P: As implicações estéticas e ideológicas são visíveis em suas obras, a exemplo *Corações, blues, serpentinas, Aceitaria tudo, O retrato: ou um pouco de Henry James não faz mal a ninguém, As margens do paraíso*. O ato de criar literatura pode ser o mesmo que o de religar a materialidade

do verbal com as expressões de subjetividades em tempos coléricos, em tempos de violência à mulher e a todas as pessoas que divergem das normas de viver e das diversidades de gêneros?

LT: A promoção da alteridade é uma ferramenta poderosa no campo literário e evoca, vamos dizer assim, algo de mágico, misterioso e poético. É interessante que você tenha usado o verbo "religar" para tratar da criação, da materialidade da criação. Há sempre o perigo da automistificação ao se estabelecer um vínculo religioso com a escrita. A presunção da verdade e da posse de um conhecimento exclusivo são fatores que enfraquecem a potência da expressão literária. Geralmente os poetas caem mais nessa armadilha. Mas os prosadores também não estão livres da faceta "missionária". Eu evito qualquer didatismo em meus textos, qualquer esforço de convencimento. Porém, não se pode negar que a arte, assim como a própria vida que a inspira, tenha um viés político a priori. E é o caminho da subjetivação o mais efetivo canal de comunicação da condição do outro. Se as palavras possuem a capacidade de emocionar e transmitir sensações comuns a partir de espaços e contextos diferentes, acredito que as transposições de novas realidades operem transformações profundas naquele que vive a leitura, rompendo com o ciclo de violência que a ignorância gera contra os que fogem da normatividade e do que é imposto como padrão comportamental.

P: Percebe que as suas obras giram enquanto revolucionárias, escritas que estreitam com um real e visam aos enfrentamentos?

LT: Sim. Escrevo a partir da realidade presente e dos problemas, angústias e inquietações que ela nos traz, procurando entender a sua singularidade, sua configuração, seus dilemas. O que não implica de modo algum numa adesão ao realismo ou uma subordinação à verdade histórica de um determinado tempo e lugar. A investigação de uma forma de pensamento pode me levar a escrever um conto passado num satélite a orbitar outro planeta, em uma taberna medieval ou num asilo de loucos. Os enfrentamentos são, ao meu ver, sempre necessários, pois sem conflito, sem tensão e sem deslocamentos a vida não se reorganiza e não se promove o amadurecimento emocional e intelectual do indivíduo, não se reinventa uma nova ordem, não se faz do prosaico poesia.

P: Ainda sobre a citação em *Anjinho barroco*. O que busca escrever tende a desestruturar uma linguagem mais sistematizada, de ligar e de religar o que parece não ser? Qual o estilo que filtra quando o tempo, o espaço, as personagens são faladas por um emaranhado de existências? O estilo dos relatos que cria desordenam, são escritas que expandem um coloquial mais denso e conceptual?

LT: Sua leitura muito me agrada. O estilo de linguagem adotado em *Anjinho barroco* é expressionista e busco acionar uma poética sensual e sensorial presentes também no ritmo das frases, no poder de sugestão das imagens, nos sentidos implícitos e escorregadios das palavras. Há uma apropriação do discurso bíblico neste trecho citado e, mais propriamente no conto como um todo, uma resignificação dos conceitos do sagrado e mundano nos corpos, conceitos que podem remeter a procedimentos adotados por um Whitman em seu "Canto do corpo elétrico". O eu lírico assume um caráter mais cósmico e universal, a experiência individual se expandindo para um nível diverso de consciência. Por um outro lado, configuro também uma cena em que a Igreja Católica - e por tabela toda organização religiosa que se espelhe nela -,

enquanto instituição representativa de um poder, é posta em cheque pelo seu caráter repressor dos desejos sexuais e pela hipocrisia de sua política de condenação da homossexualidade. No entanto, para que sejamos justos, precisamos reconhecer que o Papa Francisco vem se esforçando para modernizá-la e transformá-la numa entidade mais amorosa, assumindo inclusive a responsabilidade pelas violências cometidas no passado e muitos de seus erros.

P: Em *Corações, blues, serpentinhas*, existe um mosaico de citações, entre musicalidade, expressões do blues, chorinhos, do popular encajado no ritmo do drama com os quais as personagens são entrelaçadas e entre discursos que comprometem o amor, o desejo, o sexo, todos muito atados aos embates e postos em dissonância com uma forma de pensar as diferenças, os diferentes. Entende a arte como ex-cêntrica, a que significa o estado de falta, de dispensa, de dor e de sofrimentos, de alegrias e do ato de transfiguração? É sobre esse foco que visa criar?

LT: Entendo a arte como desestabilizadora de certezas, fronteira irreversível de vivências em possibilidades latentes, salto para o escuro, mergulho abissal no inconsciente, radar de emoções e novos sentidos, o que, dito de um outro modo, reitera e reafirma a sua análise e pergunta. Há um grau necessário de repetição nessa busca semântica pela pluralidade e revestimento do texto em mais de uma camada de leitura, pois do contrário não haveria a comunicação do que se quer ressignificar. Faz-se necessário antes uma exposição do problema, uma aproximação ou mera insinuação de seu contexto, o que, para mim, é uma forma de respeitar o leitor dando-lhe pistas para que ele caminhe junto comigo na aventura de descoberta e transfiguração do real. Essas pistas são constituídas de nossa herança cultural direta ou indireta. Ou, como você designou, de um mosaico de referências, onde citações literárias e musicais se entrecruzam e se conectam.

P: “Aconteceu uma tragédia, Zaqueu. Cada um dos meninos busca um lugar diferente para dirigir o olhar”. (As margens do Paraíso, 2019, p. 148). O primeiro romance, *As margens do Paraíso*, aparentemente mostra onde cabe a ilusão, o sonho, o real. A história romanesca de Leda, Rubem e Zaqueu se desfaz em detrimento de apontar também para os recomeços, as tensões, os testemunhos entre si que se voltam e revoltam. Trata-se de um enredo mais temporal, quer dizer, de uma realidade menos plausível com os costumes novelescos e mais críticos com o convívio, com relacionamentos individuais, com as identidades apresentadas e deslocadas, em movências relacionadas ao feminismo, à masculinidade, à sexualidade?

LT: Exato. Poder-se-ia dizer que se trata de um exame de sensibilidades. A princípio esses jovens protagonistas tentam se adaptar às concepções identitárias que lhes são dadas e mesmo exigidas socialmente. Isso está presente em seus discursos, suas falas. Eles não sabem ainda quem são e se sentem frustrados pela intensidade da cobrança para que representem papéis que não se adequam totalmente às suas expectativas pessoais, se sentem frustrados pela incapacidade de realização do ideal romanesco. Esse conflito é o que fará que eles se movam em busca de maior autonomia e se permitam outras formas de sentir e agir na sociedade, resultando não necessariamente numa conduta mais igualitária e benéfica para todos. A revolta também abre espaços para ressentimentos e indiferenças que tornam as pessoas mais egoístas, cínicas e céticas. Será o caso de uma das personagens principais.

P: “Eu aceitaria. Tudo. Com resignação veria o pássaro negro pousar em seu ombro. Tantas vezes sonhei com vampiros, acordei e vi apenas uma janela aberta e uma pergunta fugidia. Eu seria capaz. (Aceitaria tudo, 2015, p. 11-12).

Na passagem do *Aceitaria tudo* e nos relatos dos contos da coletânea parecem apontar para as ações protagonizadas nos tempos atuais: a condição de amar e proteger e a condição de olhar sem ver. Em outras palavras, há o aceno para o gesto de si e também o de gravitar palavras entre o ser e o estar, mostrando a leveza e a dureza com os afetos, o erotismo, o gênero. Estaria a enunciar aí um imperativo cultural disseminando palavras e as coisas desarmadas? O poder dizer também ocorre por intermédio de interditos? Estaria presente o gesto de *diferenciação* de si, de sujeitos que são comprometidos de modo político, com o que fala, como fala e por que fala?

LT: Sim, demandas e imperativos vinculados a um ordenamento interno, que são culturais e históricos ao mesmo tempo, e que me atravessam cotidianamente, quer eu queira ou não, instigando-me para o novo, para a trilha de uma poética pessoal nascida das minhas próprias vivências e aprendizagens. E se desejo uma relação frontal com a vida e a arte, uma autenticidade no dizer, não posso chegar armado diante das palavras e das coisas, tenho de deixar levar pelos impulsos inconscientes sem medo, sem autocensura, libido em alta.

A interdição implica em nomear e configurar seu objeto de repulsa e negação e traz a ideia de um conhecimento que não deve ser compartilhado, mas que o censor guarda para si, o que gera uma curiosidade natural do ser humano. Que razões moveram o censor a empreender tal proibição? O que se teme? Qual o perigo? Será justa a interdição? A interdição às vezes pode falar mais do censor do que do censurado. É comum haver uma história de dor por trás, uma falta, um espelho, um desejo inconfesso. Já o que reclama o direito à liberdade de dizer, ser e estar como, onde e quando desejar, o faz como uma ação de comprometimento inteiramente político, pois não lhe basta a transgressão no campo do privado, ele questiona a essência da própria interdição como um excesso do poder.

P: Estamos vivenciando tempos difíceis, após eleito e tomado posse um governo que infringe os direitos humanos e a causar repúdio em atos relacionados à diferença sexual e de gênero, a infringir conquistas e a desprezar as artes, culturas, a cultura indígena e nenhum respeito e expressão de valor aos afrodescendentes. A impressão é que o mundo ocidental está sendo assediado por uma turbulência ultradireitista e neoconservadora, com influências aos aportes estadunidenses ligadas à xenofobia e a um patriotismo ultranacionalista. A matriz heteronormativa toma ainda mais lugar diante dos referidos percalços, deixando de lado a história, a experiência e testemunhos que prefiguram uma relação dialógica e diatópica com um saber transversal de “fronteira”, como reflete bem Boaventura de Sousa Santos. A vida e a arte desconstroem o óbvio, é condição *sine qua non* para ler/ver o outro com a mediação de um novo senso crítico. Como escritor, como se pronuncia frente aos tempos de regimes neonacionalistas frutificados em “guerras” polarizadas e gerando o empobrecimento social e cultural?

LT: Combatendo o obscurantismo de todas as maneiras possíveis, seja com meus livros, minhas participações em eventos públicos, minha conduta na internet ou mesmo em meus círculos de atuação mais privados. Esses conflitos são, ao meu ver, produto das transformações

sociopolíticas iniciadas no século XX, quando as mulheres queimaram sutiãs, negros e gays disseram basta ao regime de opressão em que viviam e a população indígena mobilizou-se para evitar o massacre cultural absoluto de seu povo e o contínuo roubo de suas terras. O entendimento do poder é que essas minorias se levantaram não para acabar com a opressão em que viviam e compartilhar de um sentimento de igualdade, mas que a intenção era ocupar o lugar deste poder e submeter o homem branco heterossexual cristão ao mesmo jugo que ele instituiu, sendo que as reivindicações das minorias são de justiça e democracia para todos. Esse *todos* é obviamente inclusivo. Os atuais líderes conservadores jogam com a ignorância das pessoas e instituem uma polarização muito útil aos seus intentos. Acredito que a arte, ao transmitir esse saber transversal de fronteira enunciado por você e pelo Boaventura, ao nivelar os seres e fazer com que comunguem das mesmas emoções e experiências, relativizando os preconceitos e ações dos indivíduos, tem um perfil transgressor que não agrada ao poder instituído, seja ele de qual orientação ideológica for.

P: Como escritor, escreve para afastar os fantasmas, rompendo com linguagens que não passam das duas margens, a desnudar psicoafetivamente a escrita; de que modo?

LT: Não de maneira deliberada, não se trata de uma consciência ativa enquanto exercício terapêutico, mas talvez mais no sentido de não ter reservas ou receio de me entregar por inteiro ao ato da escrita, permitindo que a mente flua livremente e a matéria bruta do inconsciente se reflita sem censura prévia das emoções. Nesse processo não há como se evitar tocar nas feridas, retomar traumas, antigos temores ou os desejos mais recônditos.

P: Retomo a sua ficção que a considero ser cerzida com o corpo, entre hesitações, descobertas, fissuras, complexos silêncios, potências de ritmos, sons, dialogismos que acionam vozes, agenciam modos de existir entre afetos, desejos, medos, sonhos que se interligam no atestado profundo de desassossego consigo próprio: narrativas poéticas, relatos que representam gays, lésbicas, críticas à normatização, ao sistema social e cultural. É com referidas leituras que nos afetam, deslocam gentes, que podemos obter as chaves de aberturas para construir fluídas subjetividades?

LT: É ao menos um passo para essa possibilidade se efetivar. O corpo é senhor de si mesmo, tem inteligência e voz própria. A experiência artística não se ampara na vida por simples mimetismo, mas estabelece a vivência *in loco* de maneira profunda, pois trata justamente da perspectiva da subjetividade, da emoção, dos novos sentidos produzidos no corpo. Contudo, isso só se dá se o leitor, no caso da literatura, fizer o pacto de entrega. Se, no instante em que frui o texto, ele se permite viver. Trata-se de um aprendizado da liberdade de ser e estar.

P: O que pode a literatura de Lima Trindade enquanto tradução da cultura, travessias de direitos, fonte de saber e gesto ousado de pensar o humano?

LT: Essa é uma resposta que não cabe a mim dar. Digo apenas que faço o meu melhor com as ferramentas que disponho, que esse julgamento deve ser feito pela crítica especializada e por cada um dos meus leitores.